



310

CONCURSO PÚBLICO - EDITAL Nº 390/2014

TECNÓLOGO
- ANALISTA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

PROVA OBJETIVA

Leia com atenção as Instruções

1. Você recebeu do fiscal um **cartão de respostas da prova objetiva** e este **caderno de questões** que contém **60 (sessenta) questões objetivas**.
2. É sua responsabilidade verificar se o nome do cargo informado neste **caderno de questões** corresponde ao nome do cargo informado em seu **cartão de respostas**.
3. Você dispõe de **4 (quatro) horas** para realizar a prova, incluindo o preenchimento do **cartão de respostas**.
4. Somente depois de decorrida uma hora do início da prova, o candidato poderá retirar-se da sala de prova em caráter definitivo, obrigatoriamente entregando ao fiscal de sala todo o material de prova recebido.
5. Somente será permitido ao candidato levar seu **caderno de questões** quando faltar uma hora para o término do tempo estabelecido para a prova.
6. É terminantemente vedado copiar respostas, em qualquer fase do concurso público.

7. Os 3 (três) últimos candidatos de cada sala somente poderão ser liberados juntos.
8. Se você precisar de algum esclarecimento, consulte o fiscal.

Somente após autorização para o início da prova:

1. Verifique, neste **caderno de questões**, se a numeração das questões e a paginação estão corretas.
2. Verifique, no **cartão de respostas**, se existem espaços suficientes para a marcação das respostas de todas as **questões objetivas** existentes neste caderno de questões.
3. Transcreva a frase abaixo, utilizando letra cursiva, no espaço reservado no seu **cartão de respostas**.

"A persistência é o caminho do êxito." *Charlie Chaplin*

Cronograma Previsto - Prova Objetiva

Atividade	Início	Término
Publicação das provas objetivas - Internet	30/03/2015	
Publicação dos gabaritos preliminares das provas objetivas - Internet		

LÍNGUA PORTUGUESA**TEXTO 1****AFOGANDO-SE NO “SELFIE”**

Recentemente, em uma exposição de fotografias de Henri Cartier-Bresson, li sua breve definição sobre o ofício do fotógrafo comparando-o com um caçador. Todavia, no entendimento de um dos maiores fotógrafos do século 20, não seria a imagem propriamente dita o objeto da caça, mas sim todo um significado, o contexto capaz de ser trazido à tona por tal imagem. A título de exemplo, pensa-se no jornalismo, na maneira como uma imagem pode ser veiculada, entrando em questão, neste caso, a legenda, o contexto social, econômico ou político etc. A apreensão de determinado instante sugere, portanto, não mais observá-lo unicamente sob a lógica de um momento passado, outrora capturado pela lente fotográfica, devendo inseri-lo em algo potencialmente muito maior, como, neste caso, a realidade de quem vê a fotografia. Creio não ser diferente com o *selfie*.

Definitivamente, ele veio para ficar. É uma novidade e, enquanto novo, carece de entendimento. Não proponho desvendá-lo, apresentar um tratado ou compreensão sua. Nem mesmo criticá-lo. Desejo refletir. Confesso que o seu sentido ainda não chegou a mim – algo notável todas as vezes que vejo pessoas, independente da idade e cultura, realizando *selfies*. O cúmulo de minha incompreensão se deu recentemente quando presenciei um jovem turista, passeando integralmente em um grupo (integração essa perceptível pelas risadas e brincadeiras feitas com os outros e com ele mesmo), fazendo uma autofoto diante de um monumento. Ou seja, tirava a fotografia de si mesmo, enquanto os outros olhavam, sem pedir a ajuda a qualquer um de seus pares. Isso me fez perceber a complexidade da coisa, devendo ser vista como não mais sendo simplesmente fotografar ou ser fotografado.

Desconfio ser uma das chaves de sua compreensão perceber o quão importante é a posse do aparelho eletrônico, a máquina, *smartphone*, *tablet* ou qualquer coisa parecida. Ter o aparelho, em si, faz toda a diferença no momento de se realizar uma fotografia. Não se vai mais a um determinado lugar, se vai a este lugar com o seu aparato fotográfico. Deseja-se, sempre, estar com o captador de imagens à mão, de maneira que possa retratar aquele momento. Entretanto, assim como uma fotografia jornalística leva em conta os elementos a comporem o seu quadro social, tal como o contexto da notícia e da fotografia, a foto derivada do *selfie* também. Ademais, compreendo este contexto como sendo aquele em que apresenta o fotografado como alguém integrado no universo do fazer a foto por si mesmo, a partir do momento em que se tem um aparelho diretamente conectado às principais redes sociais – por isso o aparelho é importante, pois é a chave para a conexão imediata com o mundo virtual.

Logo, questionariam: “Mas, neste caso, pensando nas redes sociais, o contexto da foto não seria absurdamente amplo?”. Em meu entendimento – digno de críticas –, sim. A razão da fotografia estaria condicionada à exposição praticamente instantânea nas redes sociais que, como se sabe, possui uma dinâ-

mica própria, rápida, a exigir um acompanhamento constante e ininterrupto de quem dela faz parte. O interessante, neste caso, é que o *selfie* sempre posiciona o fotografado em primeiro plano, fazendo com que nada o ofusque. Neste caso, tudo passaria, a meu ver, ao plano do secundário, do circunstancial.

Quando era mais novo, sempre me questioneei sobre o momento em que aquelas pessoas que fotografavam tudo em um passeio, indiscriminadamente, fariam uma sessão para ver o que vivenciaram. Imaginava a sala escura de suas residências com a projeção das fotos e os possíveis comentários derivados de cada imagem. Em alguns casos, visualizava a presença de amigos e familiares – que, naturalmente, não puderam fazer a mesma viagem – com questionamentos sobre como é tal ou qual lugar, povo, monumento, boneco de neve, cardápios etc. Parecia um verdadeiro desespero tentar captar tudo, em uma espécie de ansiedade em controlar todo aquele ambiente sumamente estranho, avesso à sua cultura. Talvez, imagino, ao colocar todos os fatos, acontecimentos, deste mundo tão diferente, em um filtro fotográfico, disquete, ou qualquer dispositivo semelhante, seria uma forma de controlar este algo estranho.

Em minhas lembranças, estes nervosos fotógrafos não apareciam na maioria de suas próprias fotos. Os *selfies*, sim. Aliás, a existência do *selfie* está condicionada à presença do fotógrafo-fotografado, dono da conta na rede social, num primeiro plano. Se antes se mostrava, em sua viagem a Roma, o Coliseu, hoje a fala, implícita ou explícita, é “este sou eu no Coliseu”. O ver e o ser visto (con)fundem-se. Fico apenas sentido com o fato de o mesmo Coliseu, e seus congêneres monumentos histórico-artísticos, estarem condenados ao segundo plano, no fundo da fotografia, compondo uma espécie de cenário para a atração principal: o fotógrafo.

Continuando no exemplo do Coliseu. Alguém poderia acompanhar as suas transformações ao longo do tempo ao olhar diversas fotografias suas, tiradas em diversos momentos da história, ainda que elas não tenham como objetivo final retratar as possíveis mudanças. Entretanto, acho difícil um acompanhamento como este ser possível se se tomar como referência somente *selfies*. Ou, pelo menos, as dimensões das transformações não serão totalmente expressas, tendo em vista a condição de segundo plano à qual o Coliseu foi relegado. E, sendo um pouco catastrófico, não seria apenas o monumento romano de Vespasiano a ser condenado como algo secundário, ocorrendo o mesmo com toda a arquitetura da Roma Antiga na capital italiana.

Alguém diria: “são os tempos, os novos tempos, em que a pós-modernidade romperia com uma narrativa pré-estabelecida da História e, por sua vez, as coisas perderiam o seu sentido original, no caso, o sentido desejado pelo artista. Está escrito em Jean François-Lyotard.” Bem, pode até ser. De toda forma, vejo de maneira interessante que essa suposta resignificação é feita por meio de uma transposição de valores, de sentidos, saindo o sentido original, aquele ansiado pelo artista, em nome de um indivíduo. Por sua vez, neste tipo de fotografia, o *selfie*, desponta cada vez mais a ideia de indivíduo, mais do que o indivíduo retratado propriamente dito, tal como suas idiossincrasias.

Imagine um católico diante da parede da Capela Sistina. Pressionado perante a ideia do pecado, ele, como indivíduo, sente-se tocado, ansioso pelo perdão de Deus. Pode ser que veja, em si mesmo, seus pecados, seus defeitos. O indivíduo ao fazer o *selfie*, em sua essência, ficando de costas para a obra de Michelangelo, simplesmente transmite a ideia de indivíduo. O único diferencial é o fato de estar na Capela Sistina. E, depois, na Basílica São Pedro. Depois, na praça São Pedro. Trata-se, sempre, de fulano em algum lugar. O pôr-do-sol no Solar do Unhão, em Salvador, não faz sentido se não tiver a presença marcada.

À guisa de conclusão, retomo o que escrevi acima, nos primeiros parágrafos. Não se trata de apresentar uma explicação, um tratado, sobre o *selfie*. Aqui, encontram-se expressas as minhas sensações todas as vezes que vejo alguém tirando uma foto sozinho e, em seguida, volta-se quase instintivamente para a tela de seu dispositivo, digita algo e... pronto! Está no ar! Tais inquietações, obviamente, podem ser frutos de alguma espécie de anacronismo derivado de incompatibilidade geracional – no qual não creio. De toda forma, acentuo o espanto de tudo isso a ponto de me causar um gigantesco estranhamento. Caetano Veloso disse que Narciso achava feio o que não fosse espelho. Bem, espero somente que ninguém anseie se tornar a narcísica e belíssima flor, pois, para isso, é preciso se afogar.

(RODRIGUES, Faustino da Rocha. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br>. Acesso em 04 nov. 2014)

1. O título do texto, **Afogando-se no “selfie”**, apresenta um sentido:
 - A) literal.
 - B) objetivo.
 - C) conotativo.
 - D) denotativo.
 - E) anacrônico.
2. No primeiro parágrafo, o autor refere-se à comparação estabelecida por Henri Cartier-Bresson entre o fotógrafo e o caçador para refletir sobre o jornalismo e o emprego da imagem. A partir dessa reflexão, o autor afirma no primeiro parágrafo:
 - A) a distância entre a situação social e a construção do *selfie*.
 - B) a autonomia do objeto retratado em relação a quem o retrata.
 - C) a contradição presente na afirmativa de Henri Cartier-Bresson.
 - D) a supremacia do *selfie* sobre a captura de imagens no jornalismo.
 - E) a necessidade de relacionar imagem, contexto e subjetividade.
3. Ao tecer as conexões entre o *selfie* e o contexto, o texto aponta a:
 - A) conexão com as redes sociais e a simbiose entre os atos de ver e ser visto.
 - B) condição passageira do fenômeno e a cisão entre a figura do fotógrafo e a do fotografado.
 - C) separação entre o *selfie* e quaisquer modos possíveis de contextualização midiática.

- D) valorização do objeto fotografado e a colocação do fotógrafo em um plano divergente.
- E) forma como a tecnologia supera a exibição da subjetividade, colocando-a em segundo plano.

4. No último parágrafo do texto, o autor questiona se um possível “anacronismo derivado de incompatibilidade geracional” estaria atrelado ao seu espanto diante do fenômeno do *selfie*. Dentro do contexto textual referido, a expressão “anacronismo” liga-se à ideia de:
 - A) repetitivo.
 - B) saudosos.
 - C) atemporal.
 - D) antiquado.
 - E) espantoso.
5. A citação das ideias do pensador francês Jean-François Lyotard no texto, a saber: “são os tempos, os novos tempos, em que a pós-modernidade romperá com uma narrativa pré-estabelecida da História e, por sua vez, as coisas perderiam o seu sentido original, no caso, o sentido desejado pelo artista”, é usada para questionar os possíveis significados do *selfie*. Em relação ao pensamento de Lyotard, é correto afirmar que o texto:
 - A) opõe-se, pois Lyotard nega os pressupostos de significação subjetiva e atrela à pós-modernidade o domínio amplo artístico, enquanto o texto demonstra os limites do *selfie* como subjetividade e como produção de arte.
 - B) opõe-se, pois Lyotard propõe a ressignificação da arte pelo receptor, enquanto o texto demonstra que, cada vez mais, o *selfie* impõe-se como um domínio artístico idiossincrático e que coloca o sujeito em primeiro plano.
 - C) vincula-se, pois tanto as ideias de Lyotard quanto as defendidas no texto compreendem a supremacia do sujeito concreto como produtor artístico fundamental na pós-modernidade.
 - D) opõe-se, pois Lyotard mostra a substituição da ideia do artista pela do sujeito, enquanto o texto demonstra o *selfie* como a superação do indivíduo e a celebração da ideia do indivíduo.
 - E) vincula-se, pois trata da ideia de ressignificação da obra de arte pelo indivíduo bem como da substituição dos significados criados pelo artista através dos sentidos pensados pelo indivíduo em si.
6. No oitavo parágrafo, o termo “idiossincrasias” refere-se ao sentido de:
 - A) vontades.
 - B) artes.
 - C) consensos.
 - D) religiões.
 - E) particularidades.
7. Em relação ao trecho “Em minhas lembranças, estes nervosos fotógrafos não apareciam na maioria de suas próprias fotos”, a proposição *Estes fotógrafos nervosos, em minhas memórias, não surgiam na maior parte de suas próprias fotos* estabelece uma relação de:
 - A) sinonímia lexical, apenas.
 - B) sinonímia estrutural, apenas.

- C) sinonímia lexical e estrutural.
D) inversão antonímica lexical, apenas.
E) inversão lexical e estrutural.
8. No trecho “quando era mais novo, sempre me questioneei sobre o momento em que aquelas pessoas que fotografavam tudo em um passeio”, a palavra “novo” poderia ter como antônimo “idoso”. Quanto à produção de relações de antonímia, pode-se afirmar que:
- A) o contexto é uma referência artificial e fixa que auxilia na busca de uma significação absoluta.
B) somente através da compreensão do contexto será possível escolher o antônimo perfeito para a palavra em questão, de modo a torná-la aplicável a outros contextos.
C) no que tange aos termos “novo” e “jovem”, a clareza das relações impõe a existência do antônimo perfeito, independente do contexto.
D) como referência mutável, o contexto determina a produção de regras fixas para o uso da antonímia; assim, “novo” sempre será antônimo de “idoso”.
E) não existe antônimo perfeito, uma vez que a significação depende do contexto.
9. Em “a partir do momento em que se tem um aparelho”, quanto à correção gramatical, é correto afirmar que, no trecho citado, há o emprego:
- A) correto da próclise, pois o pronome “que” atrai o “se”.
B) correto da ênclise, pois o pronome “que” atrai o “se”.
C) incorreto da próclise, pois o pronome “se” deve situar-se após o “que”.
D) incorreto da ênclise, pois o pronome “se” deve situar-se após o “que”.
E) incorreto da mesóclise, pois o pronome “se” deve situar-se após o “que”.
10. A regência verbal apresenta-se de modo inteiramente correto na sentença:
- A) O pensamento de Cartier-Bresson agradou o jornalista, que assistiu o documentário sobre o fotógrafo que preferia mais retratos de cenas espontâneas do que fotos artificiais.
B) O pensamento de Cartier-Bresson agradou o jornalista, que assistiu o documentário sobre o fotógrafo que preferia retratos de cenas espontâneas do que fotos artificiais.
C) O pensamento de Cartier-Bresson agradou ao jornalista, que assistiu ao documentário sobre o fotógrafo que preferia retratos de cenas espontâneas a fotos artificiais.
D) O pensamento de Cartier-Bresson agradou ao jornalista, que assistiu ao documentário sobre o fotógrafo que preferia mais retratos de cenas espontâneas do que fotos artificiais.
E) O pensamento de Cartier-Bresson agradou o jornalista, que assistiu ao documentário sobre o fotógrafo que preferia retratos de cenas espontâneas do que fotos artificiais.

TEXTO 2

A ALMA DO CONSUMO

Todos os dias, em algum nível, o consumo atinge nossa vida, modifica nossas relações, gera e rege sentimentos, engendra fantasias, aciona comportamentos, faz sofrer, faz gozar. Às vezes constrangendo-nos em nossas ações no mundo, humilhando e aprisionando, às vezes ampliando nossa imaginação e nossa capacidade de desejar, consumimos e somos consumidos.

O consumo não pertence a todas as épocas nem a todas as civilizações. Somente há pouco tempo histórico é que falamos e entendemos viver numa *sociedade de consumo*, onde tudo parece adaptar-se à lógica dessa racionalidade, ou seja, à esfera do lucro e do ganho, à ética e à estética das trocas pagas. É uma singularidade histórica. Tornamo-nos *Homo consumericus*.

Para uma psicologia arquetípica, há deuses em nosso consumo: Afrodite da sedução e do encantamento pela beleza e pelo prazer, Hermes do comércio e da troca intensa, Cronos do devoramento, Plutão da riqueza e da abundância, Criança Divina da novidade, Dioniso do arrebatamento, Narciso ensimesmado, Herói furioso, Eros apaixonado, Pan, Príapo, Puer, quem mais? Que pessoas arquetípicas estão na alma do consumo?

Ao buscarmos pela alma do consumo, lançamo-nos, sempre mais desconfortavelmente, no jogo entre necessidade e supérfluo, entre frívolo e essencial. Não sabemos ao certo onde termina a necessidade, onde começa o supérfluo, onde estão as fronteiras entre consumo de necessidade e consumo de gosto, consumo consciente e consumo de compulsão.

A era *hipermoderna* se dá sob o signo do excesso e do extremo, que realiza uma “pulsão neofílica”, um prazer pela novidade que se volta constantemente para o presente. O consumo acontece ao lado de outros fenômenos importantes que marcam e que estão no centro do novo tempo histórico: o espetáculo midiático, a comunicação de massa, a individualização extremada, o hipermercado globalizado, a poderosíssima revolução informática, a internet. O consumo cria seus próprios templos: os *shopping centers*, as novas catedrais das novas e velhas igrejas, e também, a seu modo, a própria rede mundial de computadores.

Consumo: tantos são seus deuses que é preciso evocá-los com cuidado, sem voracidade, para sentirmos sua interioridade, sua alma, sem sermos pegos em sua malha fina.

Consumo de utensílios domésticos, eletrodomésticos, eletroeletrônicos que liquidificam, batem, moem, trituram, misturam, assam, limpam, fervem, fritam, amassam, amolecem, passam e enceram para nós – sem nossas mãos, sem contato manual. Tocam sons, reproduzem imagens, processam informações. Excesso e profusão de automatismos também funcionando para a era da autonomia.

Organizo e escolho as músicas que quero ouvir – a trilha sonora da minha vida – sem surpresas desagradáveis ou diferentes, simplesmente baixando arquivos de áudio da internet e armazenando-os

em meu iPod. A telefonia está em minhas mãos, em qualquer lugar, é móvel, e com ela a impressão de contato por trás da fantasia de conectividade. A comunicação está toda em minhas mãos. Minha correspondência, agora por via eletrônica, está em minhas mãos (ou diante de meus olhos) na hora que desejo ou preciso, em qualquer lugar do planeta. E está em minhas mãos principalmente tudo aquilo que posso comprar pronto (ready-to-go): desde a comida – entregue em casa (delivery), ou então ao acesso rápido de uma corrida de carro (drive-through) – até medicamentos, entretenimento, companhia, sexo e roupas prêt-à-porter.

Percebemos a enorme presença da fantasia de autonomia. E esta autonomia está a serviço da felicidade privada.

O nosso tempo é um tempo de escolhas. A “customização” cada vez mais intensa da maioria dos bens e dos serviços de consumo permite que eu diga como quero meu refrigerante, meu carro, meu jeans, meu computador.

A superindividualização também leva à autonomia, ou vice-versa, e impõe processos de escolha cada vez mais intensos e urgentes: “Os gostos não cessam de individualizar-se”.

O senhor dos Portões (Mr. Gates) abriu as janelas (Windows) de um presente que requer, sim, definições (escolhas) cada vez mais “altas”, mais precisas, mais particularizadas, em quase tudo.

A própria identidade torna-se, no mundo hipermoderno, uma escolha que se dá num campo cada vez mais flexível e fluido de possibilidades: tribos, nações, culturas, subculturas, sexualidades, profissões, idades. Personas to-go. Autonomia: nomear-se a si mesmo.

A lógica consumista parece ser a de um hiper narcisismo. Se existem deuses nas nossas doenças, quem são eles no consumismo?

Começamos pela necessidade: temos necessidade de quê? De quanto? Quando? Não sabemos mais ao certo, é claro. As medidas enlouqueceram. Movemo-nos agora num mar de necessidades: pseudonecessidades, necessidades artificiais, necessidades básicas, necessidades estrategicamente plantadas pelo marketing, necessidades que não sei se tenho, necessidades futuras, até chegar ao desnecessário, o extraordinário que é demais. A necessidade delira.

A compra é a magia do efêmero. É asa, é brasa. É futuro, promessa, desejo de mudar, intensificação, momento de morte. É o fim da produção, quando as coisas são finalmente absorvidas pela psique.

A compra, ao contrário do que se poderia pensar, dissolve o ego em alma, dissolve o ego heróico em sua fantasia de morte. Comprar é o que resta. Comprar é nosso modo de fazer o mundo virar alma.

BARCELLOS, Gustavo.

Disponível em:
<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=291>
Acesso em: 04 dez. 2014.
Texto adaptado.

11. A opção em que todas as palavras apresentam o mesmo processo de formação é:
- acesso - refrigerante - customização.
 - desconfortavelmente - desagradáveis - estrategicamente.
 - racionalidade - desnecessário - autonomia.
 - sedução - produção - processos.
 - consumo - escolha - troca.
12. Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas com base na mesma regra.
- comércio / nível.
 - também / supérfluo.
 - há / trás.
 - móvel / está.
 - herói / próprio.
13. A expressão sublinhada no trecho exemplifica uma figura de linguagem.
- “O senhor dos Portões (Mr. Gates) abriu as janelas (*Windows*) de um presente que requer, sim, definições (escolhas) cada vez mais “altas”, mais precisas, mais particularizadas, em quase tudo”.
- Marque a alternativa que nomeia corretamente a figura de linguagem.
- Antonomásia.
 - Eufemismo.
 - Prosopopeia.
 - Apóstrofe.
 - Pleonasmo.
14. No trecho a seguir, “Ao buscarmos pela alma do consumo, lançamo-nos, sempre mais desconfortavelmente, no jogo entre necessidade e supérfluo, entre frívolo e essencial.”, a relação semântica que se estabelece entre os termos sublinhados é de:
- sinonímia.
 - antonímia.
 - hiperonímia.
 - hiponímia.
 - homonímia.
15. No 5º parágrafo, os dois pontos foram utilizados com o intuito de:
- estabelecer uma pausa longa.
 - criar um efeito de ênfase.
 - sinalizar uma citação.
 - enumerar uma exemplificação.
 - indicar uma ressalva.

TEXTO 3

Os meios de transportes, e comunicação em massa, as mercadorias, casa, alimento e roupa, a produção irresistível da indústria de diversões e informação trazem atitudes e hábitos prescritos, certas reações intelectuais e emocionais que prendem os consumidores mais ou menos agradavelmente aos produtores e, através destes, ao todo. Os produtos doutrina e manipulam; promovem uma falsa consciência que é imune à sua falsidade. E, ao ficarem esses produtos benéficos à disposição

de maior número de indivíduos e de classes sociais, a doutrinação que eles portam deixa de ser publicidade; torna-se um estilo de vida. É um bom estilo de vida – muito melhor do que antes – e, como um bom estilo de vida, milita contra a transformação qualitativa. Surge, assim, um padrão de pensamento e comportamento unidimensionais no qual as ideias, as aspirações e os objetivos que, por seu conteúdo, transcendem o universo estabelecido da palavra e da ação são repelidos ou reduzidos a termos desse universo. São redefinidos pela racionalidade do sistema dado e de sua extensão quantitativa.

MARCUSE, H. *A ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p.32. Adaptado.

16. Assinale a alternativa em que é opcional o uso do sinal indicativo de crase na palavra destacada.
- A) “Os produtos doutrinam e manipulam; promovem uma falsa consciência que é imune a sua falsidade.”
- B) “Os meios de transportes, e comunicação em massa, as mercadorias, casa, alimento e roupa, a produção irresistível da indústria de diversões e informação trazem atitudes e hábitos prescritos,[...]”
- C) “E, ao ficarem esses produtos benéficos a disposição de maior número de indivíduos e de classes sociais, a doutrinação que eles portam deixa de ser publicidade; torna-se um estilo de vida.”
- D) “É um bom estilo de vida – muito melhor do que antes – e, como um bom estilo de vida, milita contra a transformação qualitativa.”
- E) “Surge, assim, um padrão de pensamento e comportamento unidimensionais no qual as ideias, as aspirações e os objetivos que por seu conteúdo transcendem o universo estabelecido da palavra e da ação, são repelidos ou reduzidos a termos desse universo.”

TEXTO 4

MUSEU DE COISAS VIVAS

As coisas que admiramos nos museus que conhecemos são objetos do desejo de gerações passadas, finismos de gente morta: joias, bijuterias, móveis, ferramentas de escrita. Talvez seja por isso que, quando viajo, vou a lojas, bazares e mercados com o mesmo entusiasmo com que vou aos museus. As mercadorias expostas (e a forma como são expostas) têm sempre muito a dizer a respeito do local, dos seus habitantes e das pessoas que os visitam — exatamente como as alas dos museus nos falam, por exemplo, sobre os etruscos ou os antigos romanos. A diferença, a favor do comércio, é que a gente pode levar para casa o que está exposto.

Exagero, claro. Os museus expõem peças únicas, com a pátina de centenas, quando não milhares de anos. Mas não é preciso pensar muito para notar que a essência das peças é a mesma das coisas que nos seduzem nas lojas. Todas elas, coisas novas e peças antigas, foram feitas obedecendo a uma necessidade ou a um capricho da época.

É curioso notar, também, como praticamente não há família de objetos, por funcionais que sejam, em que não se possa perceber a evolução dos tempos e dos gostos e o desejo de distinção de um bípede em relação a outro. Uma caixa de madeira é tão caixa quanto a sua contraparte de marfim; uma tigela simples serve tão bem ao seu uso quanto uma tigela enfeitada de pedrarias. Mas como o homem de poses vai se diferenciar dos mortais comuns se não caprichar no supérfluo?

Os museus provam que somos consumistas e exibicionistas há milhares de anos, e que distribuição de renda justa é uma utopia recente. O comércio prova que, se somos animais que consomem, somos também animais muito criativos. Quem poderia imaginar os 60 tipos de escovas de dentes que se encontram em qualquer *drugstore* americana? Ou as infinitas formas e cores que assumem os sapatos, sobretudo femininos?

Às vezes penso que o conteúdo de uma loja, qualquer loja, arrumado por um museólogo, com as devidas etiquetas, poderia ficar divertido.

Nem sempre museus e lojas se entendem bem na minha cabeça. Uma vez fui para o Louvre depois de sair da Printemps só para ver a nova ala egípcia. Fiquei sem ar diante do que estava exposto, nem tanto pela beleza do que via quanto pela consciência do tempo que me separava das pessoas que haviam feito e usado aquelas coisas. Diante de tal abismo metafísico, quase morri de vergonha do creme contra celulite que comprara e que carregava na bolsa: que besteira era aquela diante da poeira dos séculos? [...]

RÓNAI, Cora. *O Globo*, 04/10/2012.

17. Assinale a alternativa em que a palavra que foi utilizada com o objetivo de se referir a um termo antecedente nas duas ocorrências sublinhadas.
- A) “[...] Mas não é preciso pensar muito para notar que a essência das peças é a mesma das coisas que nos seduzem nas lojas. [...]”
- B) “As coisas que admiramos nos museus que conhecemos são objetos do desejo de gerações passadas [...]” / “[...] As mercadorias expostas (e a forma como são expostas) têm sempre muito a dizer a respeito do local, dos seus habitantes e das pessoas que os visitam [...]”
- C) “[...] Os museus provam que somos consumistas e exibicionistas há milhares de anos, e que distribuição de renda justa é uma utopia recente. [...]”
- D) “[...] A diferença, a favor do comércio, é que a gente pode levar para casa o que está exposto.” / “[...] Quem poderia imaginar os 60 tipos de escovas de dentes que se encontram em qualquer *drugstore* americana? [...]”
- E) “[...] Ou as infinitas formas e cores que assumem os sapatos, sobretudo femininos? / Às vezes penso que o conteúdo de uma loja, qualquer loja, arrumado por um museólogo, com as devidas etiquetas, poderia ficar divertido.[...]”

18. Leia o trecho a seguir:

“**Os** museus expõem peças únicas, com a **pátina** de centenas, quando não milhares de anos. Mas não é preciso pensar muito para notar **que** a essência das peças é a mesma das coisas **que** nos seduzem nas lojas. Todas elas, coisas novas e peças antigas, foram feitas obedecendo **a** uma necessidade ou a um capricho da época.”

Quanto à classe gramatical, as palavras destacadas são respectivamente:

- A) artigo; substantivo; conjunção; pronome; preposição.
- B) artigo; adjetivo; pronome; pronome; artigo.
- C) pronome; substantivo; conjunção; pronome; artigo.
- D) pronome; adjetivo; conjunção; pronome; preposição.
- E) artigo; substantivo; pronome; conjunção; preposição.

TEXTO 5

“OS SELFIES DESNUDOS”

Na conta, o estrago do domingo ficou assim: são vinte mulheres. Catorze atrizes, três modelos, uma cantora, uma ginasta e uma jogadora de futebol. Todas mais ou menos famosas: três estiveram no elenco da série “Glee”, uma fez a sonhadora Lady Sybil em “Downton Abbey”. Jennifer Lawrence venceu um Oscar. Em alguns casos, as fotos mostram uma nudez discreta. Noutros, há vídeos caseiros de sexo. Ao todo, na manhã de domingo, vazaram 479 arquivos privados. Ainda sabemos pouco sobre como apareceram. Fotos íntimas vazadas não são novidade no mundo pós-internet. Nesta quantidade, jamais ocorrera antes. E, desta vez, temos de aprender algo sobre a rede e sobre nós.

Trata-se, possivelmente, do trabalho de uma quadrilha de hackers que opera há alguns anos para alimentar um mercado negro de colecionadores on-line. Um pacote destes que reúnem vazou. Quem vazou diz ter imagens de 101 pessoas. De mulheres, nunca homens. Jovens e mais ou menos famosas.

Mas, por trás do frenesi que tomou a internet após o vazamento, um detalhe se perdeu. Porque, além de lindas e famosas, outro traço une as vinte: 15 têm menos de trinta anos. A mais velha ainda não fez 35. Todas nasceram da década de 1980 para cá. São digitais. Registrar sua nudez e compartilhá-la com quem se relacionam faz parte de suas vidas. Porque faz parte da vida de sua geração. Mesmo nos vídeos mais explícitos, o tom não é o de um filme pornográfico. Há humor, suor e ninguém tem a pele perfeita. É gente fazendo o que gente faz. Em alguns casos, o carinho dos parceiros é evidente.

Nunca um pacote tão grande de fotos vazadas veio assim à tona. Dificilmente será o último. Porque a segurança da internet é e seguirá sendo frágil. Assim como as moças não vão parar de enviar para quem desejam o registro de suas próprias imagens. São duas realidades inexoráveis. Nossa cultura evoluiu dessa forma.

DÓRIA, Pedro. *O Globo*, 02/09/2014.

19. Leia os trechos a seguir:

1º) “O nosso tempo é um tempo de escolhas. A “customização” cada vez mais intensa da maioria dos bens e dos serviços de consumo permite que eu diga como quero meu refrigerante, meu carro, meu jeans, meu computador.” (texto 2)

2º) “Nem sempre museus e lojas se entendem bem na minha cabeça. Uma vez fui para o Louvre depois de sair da Printemps só para ver a nova ala egípcia. Fiquei sem ar diante do que estava exposto, nem tanto pela beleza do que via quanto pela consciência do tempo que me separava das pessoas que haviam feito e usado aquelas coisas.” (texto 4)

3º) “Os meios de transportes, e comunicação em massa, as mercadorias, casa, alimento e roupa, a produção irresistível da indústria de diversões e informação trazem consigo atitudes e hábitos prescritos, certas reações intelectuais e emocionais que prendem os consumidores mais ou menos agradavelmente aos produtores e, através destes, ao todo.” (texto 3)

4º) “Na conta, o estrago do domingo ficou assim: são vinte mulheres. Catorze atrizes, três modelos, uma cantora, uma ginasta e uma jogadora de futebol. Todas mais ou menos famosas: três estiveram no elenco da série “Glee”, uma fez a sonhadora Lady Sybil em “Downton Abbey”. Jennifer Lawrence venceu um Oscar. Em alguns casos, as fotos mostram uma nudez discreta. Noutros, há vídeos caseiros de sexo. Ao todo, na manhã de domingo, vazaram 479 arquivos privados.” (texto 5)

Quanto à tipologia textual, podemos afirmar que, em cada trecho destacado, predominam respectivamente as características do texto:

- A) narrativo; narrativo; dissertativo; dissertativo.
- B) dissertativo; descritivo; dissertativo; narrativo.
- C) descritivo; dissertativo; narrativo; dissertativo.
- D) dissertativo; dissertativo; narrativo; dissertativo.
- E) dissertativo; narrativo; dissertativo; descritivo.

20. Leia o trecho a seguir.

“Os meios de transportes, e comunicação em massa, as mercadorias, casa, alimento e roupa, a produção irresistível da indústria de diversões e informação **trazem** atitudes e hábitos prescritos, certas reações intelectuais e emocionais que **prendem** os consumidores mais ou menos agradavelmente aos produtores e, através destes, ao todo.” (texto 3)

Quanto à regência, os verbos destacados são respectivamente:

- A) transitivo indireto; transitivo direto.
- B) transitivo direto; transitivo direto e indireto.
- C) transitivo direto; transitivo indireto.
- D) transitivo direto e indireto; transitivo direto e indireto.
- E) transitivo direto e indireto; transitivo indireto.

REGIME JURÍDICO

- 21.** Juliana era servidora da UFRJ investida no cargo de nível médio de Técnico em Arquivo desde 2009. No final do ano de 2014 ela prestou concurso para o cargo de Arquivista, nível superior, também na UFRJ, obtendo aprovação e classificação dentro do número de vagas ofertado no edital. A nomeação de Juliana no novo cargo ocorrerá em maio de 2015. Contudo, nessa data, ela estará afastada da UFRJ para usufruir de uma licença para capacitação com duração prevista de 90 dias. Considerando os prazos para posse previstos na Lei nº 8.112/90, após sua nomeação Juliana:
- A) deverá tomar posse no novo cargo antes do término de sua licença para capacitação.
 - B) deverá outorgar uma procuração a algum conhecido para que este tome posse em seu nome até que ela retorne da licença para capacitação.
 - C) poderá solicitar que ela seja tornada sem efeito até o término de sua licença e que uma nova nomeação seja realizada dentro de trinta dias.
 - D) poderá aguardar o término de sua licença para capacitação para tomar posse no novo cargo.
 - E) deverá interromper sua licença para capacitação, tomar posse no prazo de trinta dias, e retornar para cumprir a sua licença.
- 22.** Lorenzo é um jovem arquiteto chileno que se formou pela *Universidad de Chile*. Durante sua graduação, ele participou de um intercâmbio acadêmico na UFRJ e se apaixonou pelo Brasil. Após terminar sua graduação, Lorenzo estava no Brasil a passeio e soube que a UFRJ estava realizando concurso para contratação de arquitetos para o seu quadro de servidores efetivos. Lorenzo se inscreveu, prestou o concurso e obteve a aprovação. No momento da posse foi constatado que ele não possuía a nacionalidade brasileira, muito embora cumprisse todos os demais requisitos estabelecidos em lei. Diante dessa situação, a UFRJ:
- A) não poderá dar posse a Lorenzo, pois aos estrangeiros é permitida apenas a posse em cargos em comissão.
 - B) poderá dar posse a Lorenzo desde que exista acordo prévio de cooperação técnica celebrado entre a *Universidad de Chile* e o governo federal brasileiro.
 - C) não poderá dar posse a Lorenzo, pois os cargos de provimento efetivo são exclusivos para portadores da nacionalidade brasileira.
 - D) poderá dar posse a Lorenzo, desde que ele comprove ser casado com alguém que possui nacionalidade brasileira.
 - E) poderá dar posse a Lorenzo, pois às universidades federais é concedido o direito de prover seus cargos com servidores estrangeiros.
- 23.** Guilherme foi aprovado e classificado no concurso da UFRJ para o cargo de Engenheiro em Telecomunicações. Após tomar posse e entrar em exercício, ele foi convocado para realizar o Curso de Formação Profissional referente à segunda etapa do concurso para o cargo de Policial Rodoviário Federal ao qual também estava concorrendo a época que tomou posse na UFRJ. Considerando que Guilherme se encontra em estágio probatório na UFRJ, seu afastamento para participar no Curso de Formação:
- A) é negado, uma vez que o afastamento para participar em Curso de Formação é permitido apenas aos servidores que não se encontram em estágio probatório.
 - B) é permitido, desde que seja sem a remuneração do cargo de Engenheiro em Telecomunicações.
 - C) é negado, a menos que ele solicite exoneração do cargo de Engenheiro em Telecomunicações.
 - D) é permitido, podendo ele se afastar das atividades de seu cargo enquanto durar o Curso de Formação.
 - E) é permitido, desde que haja a compensação do horário após a realização do Curso de Formação.
- 24.** Breno é servidor da UFRJ investido no cargo de Nutricionista e sua remuneração mensal totaliza quatro mil reais. Recentemente ele comprou um carro no valor de vinte e oito mil reais e optou pelo financiamento bancário com pagamento em vinte parcelas. O gerente do banco informou a Breno que se as parcelas puderem ser descontadas diretamente em seu contracheque, ele terá um desconto de cinco por cento no valor total do financiamento. Mediante essa proposta, Breno:
- A) poderá autorizar a consignação em folha, mesmo que o valor da parcela não esteja dentro da margem consignável.
 - B) não poderá autorizar a consignação em folha, visto que descontos dessa natureza são autorizados apenas por imposição legal ou mandado judicial.
 - C) poderá autorizar a consignação em folha, desde que o valor da parcela esteja dentro da margem consignável.
 - D) deverá solicitar autorização judicial para que o valor da parcela seja descontado em seu contracheque.
 - E) poderá autorizar a consignação em folha, desde que a UFRJ faça a adequação da margem consignável ao valor da parcela.
- 25.** Ângela é servidora da UFRJ investida no cargo de Programador Visual. Recentemente ela participou de uma atividade de editoração de textos referente a provas de concurso público para essa instituição. Por ser uma atividade que exige sigilo, a revelação desse segredo sujeitará Ângela à penalidade de:
- A) destituição.
 - B) exoneração.
 - C) suspensão.
 - D) demissão.
 - E) advertência.
- 26.** Sofia é servidora da UFRJ investida no cargo de Tecnólogo/Analista de Relações Internacionais. Há duas semanas ela recebeu um convite para prestar serviços à Organização das Nações Unidas (ONU) com sede na cidade de Nova Iorque. Para que ela possa atender ao pedido, deverá afastar-se de seu cargo na UFRJ mediante autorização da autoridade competente. Considerando que Sofia se encontra em estágio probatório, ela:

- A) não poderá afastar-se de seu cargo até que obtenha aprovação no estágio.
B) poderá afastar-se de seu cargo mediante a perda total de sua remuneração.
C) poderá afastar-se de seu cargo desde que seja autorizada pelo reitor da UFRJ.
D) não poderá afastar-se de seu cargo, exceto se o período for inferior a três meses.
E) poderá afastar-se de seu cargo desde que seja por período inferior a um ano.
27. Bernardo é servidor da UFRJ investido no cargo de Técnico Desportivo. Há dois meses ele foi convocado pela Seção de Segurança e Saúde do Trabalhador, setor responsável pela prevenção e promoção da saúde do servidor da UFRJ, para ser submetido à inspeção médica. Ocorre que Bernardo vem se recusando a comparecer ao setor mencionado sem apresentar nenhuma justificativa. Essa atitude de Bernardo poderá sujeitá-lo à penalidade de:
- A) suspensão de até quinze dias.
B) suspensão de até doze dias.
C) suspensão de até sete dias.
D) advertência seguida por suspensão de até doze dias.
E) advertência seguida por suspensão de até sete dias.
28. Roberto é servidor ativo da UFRJ e há um ano se envolveu em um acidente de carro durante uma viagem realizada em suas férias. O acidente provocou a morte de duas pessoas resultando, após o julgamento, na prisão de Roberto. Esse fato não ocasionou a perda do cargo que Roberto ocupava na UFRJ, contudo ele não poderá receber sua remuneração enquanto estiver cumprindo a pena. Considerando que a família de Roberto poderá ser assistida pelos benefícios de seu plano de seguridade social, ela terá direito a receber:
- A) pensão, no valor integral da remuneração de Roberto.
B) auxílio-reclusão, no valor de cinquenta por cento da remuneração de Roberto.
C) salário-família, no valor de dois terços da remuneração de Roberto.
D) auxílio-alimentação, enquanto durar a prisão de Roberto.
E) bolsa-família, enquanto durar a prisão de Roberto.
29. Lúcia tem 62 anos e é servidora aposentada no cargo de Enfermeiro na UFRJ. Recentemente, ela prestou novo concurso público para o cargo de Tecnólogo/Analista de Relações Internacionais e obteve aprovação. Após comprovar que possuía os pré-requisitos exigidos para o cargo, conforme constava no edital, averiguou-se que Lúcia:
- A) poderia ser investida no novo cargo, pois é permitida acumular os proventos de sua aposentadoria com o vencimento do cargo em questão.
B) não poderia ser investida no novo cargo, pois é proibido acumular os proventos de sua aposentadoria com o vencimento do cargo em questão.
C) não poderia ser investida no novo cargo, pois o ingresso no serviço público é permitido apenas a pessoas com idade compreendida entre 18 e 60 anos.
D) poderia ser investida no novo cargo, desde que comprovado que a carga horária de seu cargo de enfermeiro, quando em atividade, somada à carga horária do novo cargo não exceda a 60 horas semanais.
E) poderia ser investida no novo cargo, pois a proibição de acumular ocorre apenas quando se trata de dois cargos em atividade.
30. Julia prestou concurso para o cargo de Nutricionista na UFRJ, obtendo aprovação e classificação dentro do número de vagas previsto no Edital. Considerando que ela foi nomeada na última sexta-feira para assumir as responsabilidades do cargo e que sua posse ocorrerá no prazo estabelecido pela Lei nº 8.112/90, Julia, após a posse, deverá entrar em exercício:
- A) imediatamente, isto é, no mesmo dia da posse.
B) no dia seguinte ao dia da posse.
C) no prazo máximo de 15 dias.
D) no prazo máximo de 30 dias.
E) no primeiro dia útil do mês seguinte.

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

31. Consoante a disciplina da Convenção Americana sobre Direitos Humanos (Pacto de São José da Costa Rica), de 22 de novembro de 1969, promulgada pelo Decreto nº 678, de 6 de novembro de 1992, **NÃO** se pode afirmar que:
- A) Toda pessoa condenada à morte tem direito a solicitar anistia, indulto ou comutação da pena, os quais podem ser concedidos em todos os casos, sendo que, enquanto o pedido estiver pendente de decisão ante a autoridade competente, não se pode executar a pena máxima.
B) Em nenhum caso pode a pena de morte ser aplicada a delitos políticos, nem a delitos comuns conexos com delitos políticos, assim como, em nenhuma hipótese, pode-se restabelecer a pena de morte nos Estados que a hajam abolido.
C) Toda pessoa acusada de um delito tem direito a que se presuma sua inocência, enquanto não for legalmente comprovada sua culpa, e toda pessoa, durante o processo, tem direito, em plena igualdade, de não ser obrigada a depor contra si mesma, nem a confessar-se culpada.
D) A confissão do acusado só é válida se feita sem coação de nenhuma natureza e o acusado absolvido por sentença transitada em julgado não poderá ser submetido a novo processo pelos mesmos fatos em nenhuma hipótese.
E) Os processados e os menores devem em qualquer circunstância ficar separados dos condenados e dos adultos e devem ser submetidos a tratamento adequado à sua condição de pessoas não condenadas ou à sua minoridade.

32. Quanto à Convenção de Viena sobre o Direito dos Tratados, concluída em 23 de maio de 1969, assinale a resposta correta:
- A) Veio incorporada ao Direito brasileiro pelo Decreto nº 7.030, de 14 de dezembro de 2009, após aprovação, por meio do Decreto Legislativo nº 496, de 17 de julho de 2009, com reserva às cláusulas de aplicação provisória e do processo de solução judicial, de arbitragem e de conciliação; e depósito do respectivo instrumento de ratificação junto ao Secretário-Geral das Nações Unidas em 25 de setembro de 2009; e não se aplica a acordos internacionais concluídos entre Estados e outros sujeitos de Direito Internacional, ou entre estes outros sujeitos de Direito Internacional, aplicando-se, todavia, a todo tratado que seja o instrumento constitutivo de uma organização internacional e a todo tratado adotado no âmbito de uma organização internacional.
 - B) Veio incorporada ao Direito brasileiro pelo Decreto nº 7.030, de 14 de dezembro de 2009, após aprovação, por meio do Decreto Legislativo nº 496, de 17 de julho de 2009, com reserva unicamente à cláusula do processo de solução judicial, de arbitragem e de conciliação; e depósito do respectivo instrumento de ratificação junto ao Secretário-Geral das Nações Unidas em 25 de setembro de 2009, e não se aplica a acordos internacionais concluídos entre Estados e outros sujeitos de Direito Internacional, ou entre estes outros sujeitos de Direito Internacional, tampouco a tratados que sejam o instrumento constitutivo de uma organização internacional ou adotados no âmbito de uma organização internacional.
 - C) Veio incorporada ao Direito brasileiro pelo Decreto nº 65.868, de 14 de dezembro de 1969, após aprovação, por meio do Decreto Legislativo nº 46, de 17 de julho de 1969, sem reservas; e depósito do respectivo instrumento de ratificação junto ao Secretário-Geral das Nações Unidas em 25 de setembro de 1969; e não se aplica a acordos internacionais concluídos entre Estados e outros sujeitos de Direito Internacional, ou entre estes outros sujeitos de Direito Internacional, tampouco a tratados que sejam o instrumento constitutivo de uma organização internacional ou adotados no âmbito de uma organização internacional.
 - D) Veio incorporada ao Direito brasileiro pelo Decreto nº 65.868, de 14 de dezembro de 1969, após aprovação, por meio do Decreto Legislativo nº 46, de 17 de julho de 1969, com reserva unicamente à cláusula do processo de solução judicial, de arbitragem e de conciliação; e depósito do respectivo instrumento de ratificação junto ao Secretário-Geral das Nações Unidas em 25 de setembro de 1969; e aplica-se também a acordos internacionais concluídos entre Estados e outros sujeitos de Direito Internacional, ou entre estes outros sujeitos de Direito Internacional, e a todo tratado que seja o instrumento constitutivo de uma organização internacional ou adotado no âmbito de uma organização internacional.
 - E) Veio incorporada ao Direito brasileiro pelo Decreto nº 65.868, de 14 de dezembro de 1969, após aprovação, por meio do Decreto Legislativo nº 46, de 17 de julho de 1969, sem reservas; e depósito do respectivo instrumento de ratificação junto ao Secretário-Geral das Nações Unidas em 25 de setembro de 1969; e aplica-se também a acordos internacionais concluídos entre Estados e outros sujeitos de Direito Internacional, ou entre estes outros sujeitos de Direito Internacional, e a todo tratado que seja o instrumento constitutivo de uma organização internacional ou adotado no âmbito de uma organização internacional.
33. De acordo com o Decreto nº 56.435, de 8 de junho de 1965, que promulga a Convenção de Viena sobre Relações Diplomáticas, assinada a 18 de abril de 1961, **NÃO** se pode afirmar que:
- A) O Estado acreditante e o Chefe da Missão diplomática estão isentos de todos os impostos e taxas nacionais, regionais ou municipais, sobre os locais da Missão de que sejam proprietários ou inquilinos.
 - B) Os locais da Missão diplomática são invioláveis, não podendo os Agentes do Estado acreditado em nenhuma hipótese neles penetrar sem o consentimento do Chefe da Missão.
 - C) A pessoa do agente diplomático é inviolável; não poderá ser objeto de nenhuma forma de detenção ou prisão, cabendo ao Estado acreditado adotar todas as medidas adequadas para impedir qualquer ofensa à sua pessoa, liberdade ou dignidade.
 - D) A residência particular do agente diplomático goza da mesma inviolabilidade e proteção que os locais da Missão diplomática, assim como, em qualquer caso, seus documentos e sua correspondência.
 - E) Os arquivos e documentos da Missão diplomática são invioláveis, em qualquer momento e onde quer que se encontrem, cabendo ao Estado acreditado dar todas as facilidades para o desempenho das funções da Missão.
34. Segundo as visões tradicionais do Direito Internacional Público, **NÃO** é sujeito do DIP:
- A) a República Federativa do Brasil.
 - B) o Vaticano.
 - C) a Organização Mundial do Comércio.
 - D) a União Europeia.
 - E) a República do Kosovo.
35. Segundo a Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados, adotada em 28 de julho de 1951, define-se o termo refugiado como aquela pessoa *“que, em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos,*

não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele". Tal definição deixará de ser aplicável a qualquer pessoa, compreendida nesses termos, nas seguintes situações, à **EXCEÇÃO** de:

- A) se se estabeleceu de novo, voluntariamente, no país que abandonou ou fora do qual permaneceu por medo de ser perseguida.
 - B) se havendo perdido a nacionalidade, ela a recuperou por alteração na ordem jurídica do país que abandonou, ainda que involuntariamente.
 - C) se adquiriu nova nacionalidade e goza da proteção do país cuja nacionalidade foi requerida e a teve concedida.
 - D) se ela voltou a valer-se da proteção do país de que é nacional ou, no caso de mais de uma nacionalidade, de qualquer um dos países dos quais ela possui a nacionalidade.
 - E) se, por terem deixado de existir as circunstâncias em consequência das quais foi reconhecida como refugiada, ela não pode mais continuar a recusar valer-se da proteção do país de que é nacional.
- 36.** Segundo a Lei Federal nº 9.474, de 22 de julho de 1997, que define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951 no Brasil, assinale a alternativa **INCORRETA**:
- A) O Comitê Nacional para os Refugiados – CONARE, órgão de deliberação exclusivamente coletiva, no âmbito do Ministério da Justiça, tem competência para analisar o pedido e declarar o reconhecimento, em primeira instância, da condição de refugiado.
 - B) A decisão pelo reconhecimento da condição de refugiado será considerada ato constitutivo e deverá estar devidamente fundamentada.
 - C) O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados - ACNUR será sempre membro convidado para as reuniões do Comitê Nacional para os Refugiados – CONARE, com direito a voz, sem voto.
 - D) Em hipótese alguma será efetuada a deportação do estrangeiro que chegar ao território nacional para fronteira de território em que sua vida ou liberdade esteja ameaçada, em virtude de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opinião política.
 - E) O ingresso irregular no território nacional não constituirá impedimento para o estrangeiro solicitar refúgio às autoridades competentes, expressando sua vontade de solicitar reconhecimento como refugiado a qualquer autoridade migratória que se encontre na fronteira.
- 37.** Segundo a Lei nº 6.815/80, que define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, e sua regulamentação, são aplicáveis as seguintes normas ao portador de visto temporário V (na condição de cientista, professor, técnico ou profissional de outra categoria, sob regime de contrato ou a serviço do Governo brasileiro) que tencione obter transformação do seu visto para permanente, à **EXCEÇÃO** de:

- A) a transformação estará condicionada à comprovação de compromisso, mediante ato de admissão no serviço público ou contrato de trabalho, para o exercício de atividade por prazo superior a dois anos.
 - B) a respectiva solicitação será formulada pelo estrangeiro interessado junto ao Ministério do Trabalho, devidamente instruída com os documentos constantes de instrução baixada por esse Ministério.
 - C) quando do processamento de sua solicitação, o Ministério do Trabalho poderá ouvir o Ministério da Ciência e Tecnologia, no caso de técnico ou pesquisador de alto nível e cientista, ou outro órgão governamental competente da área do especialista, sobre a conveniência da sua função no país.
 - D) o Ministério do Trabalho dará ciência da autorização de trabalho ao Ministério das Relações Exteriores como pré-requisito para a transformação do visto temporário em visto permanente.
 - E) a concessão do visto permanente poderá ficar condicionada, por prazo não-superior a 5 (cinco) anos, ao exercício de atividade certa e à fixação em região determinada do território nacional.
- 38.** O Conselho Nacional de Imigração, órgão de deliberação coletiva ao qual compete, entre outras atribuições, a de formular a política de imigração; coordenar e orientar as atividades de imigração; efetuar o levantamento periódico das necessidades de mão de obra estrangeira qualificada, para admissão em caráter permanente ou temporário; promover ou fornecer estudos de problemas relativos à imigração; estabelecer normas de seleção de imigrantes, visando a proporcionar mão de obra especializada aos vários setores da economia nacional e captar recursos para setores específicos, compõe-se, entre outros, de um representante de cada Ministério, à **EXCEÇÃO** do Ministério:
- A) do Trabalho e Emprego.
 - B) da Justiça.
 - C) das Relações Exteriores.
 - D) da Agricultura e do Abastecimento.
 - E) da Fazenda.
- 39.** Sobre o “Grupo Montevideu”, como é conhecida a Associação de Universidades Grupo Montevideu (AUGM), fundada em 1991, pode-se afirmar que reúne:
- A) universidades públicas ou privadas das Américas do Sul, América Central e América do Norte.
 - B) universidades públicas e privadas de países do Mercosul.
 - C) universidades públicas da Argentina, Uruguai, Chile, Paraguai, Bolívia e Brasil.
 - D) universidades públicas e privadas de toda a América Latina.
 - E) universidades públicas de toda a América Latina e ainda Portugal e Espanha.

- 40.** O Programa de Estudantes Convênio de Graduação, PEC-G, é uma iniciativa conjunta dos Ministérios das Relações Exteriores e da Educação que visa a dar formação de nível superior a estudantes de países com os quais o Brasil tenha acordos educacionais e culturais. Tal programa destina-se a alunos provenientes:
- A) de países em desenvolvimento.
 - B) de países da África.
 - C) da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP).
 - D) de países da América Latina.
 - E) dos países do Mercosul.
- 41.** A Declaração de Bolonha (junho de 1999), que deu origem ao denominado Processo de Bolonha, é um documento assinado pelos Ministros da Educação dos países da União Europeia, estabelecendo objetivos para seus sistemas de ensino superior. Uma das consequências mais importantes foi a adoção generalizada do sistema europeu de créditos (ECTS) e um diploma inicial após 3 anos de estudo (primeiro ciclo ou licenciatura), válido em qualquer dos países signatários. Assinale a alternativa correta.
- A) Os diplomas desse primeiro ciclo, mesmo tendo apenas 3 anos de duração, são passíveis de reconhecimento no Brasil, pois a carga horária de aulas preconizada pelo sistema ECTS é superior àquela do sistema brasileiro.
 - B) Os cursos de primeiro ciclo europeu, em geral, não são reconhecidos no Brasil, mas os títulos de mestrado e doutorado passaram a ser automaticamente revalidados.
 - C) Apenas os cursos de doutorado europeus são passíveis de reconhecimento, pois sua duração é praticamente a mesma dos cursos brasileiros equivalentes.
 - D) Os diplomas europeus de primeiro ciclo tiveram seu reconhecimento no Brasil dificultado, pois a duração total e a carga horária de aulas tornaram-se significativamente diferentes daquelas praticadas no Brasil.
 - E) Não houve qualquer impacto sobre o reconhecimento dos diplomas emitidos na Europa, pois todos são analisados um a um por universidades brasileiras.
- 42.** A CAPES/MEC mantém com o DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico) um acordo de cooperação acadêmica conhecido como CAPES-UNIBRAU que tem por objetivo:
- A) o intercâmbio de alunos de graduação e professores.
 - B) o intercâmbio de alunos de pós-graduação e professores.
 - C) o intercâmbio de alunos de graduação, pós-graduação e professores.
 - D) o fomento da pesquisa mediante o intercâmbio de alunos de pós-graduação e professores.
 - E) o desenvolvimento de currículos comuns ou compatíveis entre universidades alemãs e brasileiras.
- 43.** O estágio de um estudante estrangeiro em empresas no Brasil:
- A) é possível, desde que o aluno esteja regularmente matriculado em instituição de ensino superior brasileira.
 - B) não é possível, pois seria necessário um visto de trabalho, o que não é fornecido a estudantes.
 - C) é possível tão somente se a empresa brasileira for filial de empresa, cuja matriz fica no país de origem do estudante.
 - D) não é possível, pois é expressamente proibido na legislação brasileira.
 - E) é possível mediante autorização especial do Ministério do Trabalho solicitada pelo consulado do país de origem do estudante.
- 44.** O ECTS (European Credit Transfer and Accumulation System) é um sistema que estabelece as horas que o estudante tem que trabalhar (ou seja, envolver-se em atividades acadêmicas de seu curso) para alcançar os objetivos do programa de estudos. Esses objetivos são especificados em termos de competências a adquirir e de resultados de aprendizagem. Nesse sistema, um ano letivo corresponde a 60 créditos ECTS. Assim:
- A) o número de horas de trabalho foi padronizado em toda a Europa de forma que 1 ECTS seja igual em todos os países e, portanto, aceito em qualquer desses países.
 - B) o número de ECTS que cada aluno tem que cumprir a cada ano nas universidades europeias é o mesmo, independente do curso ou do país.
 - C) a classificação dos alunos em seus cursos usa uma média dos graus obtidos em cada disciplina, sem se considerar o ECTS de cada disciplina, devido à diferença de horas de trabalho escolar em cada país.
 - D) cada país europeu é livre para definir o número de horas de trabalho escolar correspondente a um ano letivo, mas o número de horas correspondente a 1 ECTS é fixo, definido pela União Europeia.
 - E) o número de horas de trabalho correspondente a 1 ECTS varia, pois a duração do ano letivo, em termos de horas de trabalho escolar, varia de país para país.
- 45.** Um conhecido dito inglês critica o número de universidades americanas, dizendo que “os EUA, com suas 4000 universidades, certamente têm 50 das 100 melhores instituições do mundo, mas também têm as 500 piores”. Nos últimos anos, proliferaram sistemas e propostas de avaliação da qualidade de universidades e sua classificação em “rankings”. Nesse contexto, é correto afirmar que:
- A) não há uma única universidade brasileira entre as 10 melhores universidades latino-americanas.
 - B) apenas a USP, a Unicamp e a UFRJ estão entre as 1000 melhores universidades do mundo.
 - C) a maior e melhor universidade latino-americana é a USP.
 - D) o MEC definiu como objetivo ter duas universidades brasileiras entre as 100 melhores do mundo até o ano de 2020.
 - E) a melhor universidade brasileira é a USP, de acordo com a maioria desses rankings.

46. O FAUBAI, originalmente chamado de Fórum das Assessorias das Universidades Brasileiras para Assuntos Internacionais, hoje Associação Brasileira de Educação Internacional, é uma instituição brasileira que congrega:
- A) reitores da ANDIFES, Associação Nacional de Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior.
 - B) gestores, dirigentes ou responsáveis por assuntos internacionais de instituições públicas brasileiras ou de outros países interessados em intercâmbio de estudantes com o Brasil.
 - C) gestores, dirigentes ou responsáveis por assuntos internacionais das universidades filiadas ao CRUB, o Conselho de Reitores de Universidades Brasileiras, do qual é parte integrante.
 - D) gestores, dirigentes ou responsáveis por assuntos internacionais de instituições de ensino superior brasileiras.
 - E) gestores, dirigentes ou responsáveis por assuntos internacionais de instituições de ensino superior públicas, federais ou estaduais.

TEXT I

FOR THE FALLEN

With proud thanksgiving, a mother for her children,
England mourns for her dead across the sea.
Flesh of her flesh they were, spirit of her spirit,
Fallen in the cause of the free.

Solemn the drums thrill: Death august and royal
Sings sorrow up into immortal spheres.
There is music in the midst of desolation
And a glory that shines upon our tears.

They went with songs to the battle, they were young,
Straight of limb, true of eye, steady and aglow.
They were staunch to the end against odds uncounted,
They fell with their faces to the foe.

They shall grow not old, as we that are left grow old:
Age shall not weary them, nor the years condemn.
At the going down of the sun and in the morning
We will remember them.

They mingle not with their laughing comrades again;
They sit no more at familiar tables of home;
They have no lot in our labour of the day-time;
They sleep beyond England's foam.

But where our desires are and our hopes profound,
Felt as a well-spring that is hidden from sight,
To the innermost heart of their own land they are known
As the stars are known to the Night;

As the stars that shall be bright when we are dust,
Moving in marches upon the heavenly plain,
As the stars that are starry in the time of our darkness,
To the end, to the end, they remain.

By Robert Laurence Binyon (1869-1943)

47. After reading "For the Fallen", published in September 1914, it is possible to infer that the poem is about:
- A) the drama of the English soldiers who fought in the First World War.
 - B) the drama of the soldiers of the world who fought against the Germans in the First World War.
 - C) the drama of the English soldiers who fought in the Franco-Prussian War of the late nineteenth century.
 - D) the drama of the English soldiers who fought in the First World War on the day of thanksgiving.
 - E) the drama of all the soldiers who fought in the wars before the First World War.
48. "Fallen", in the title of the poem:
- A) does not have a plural meaning.
 - B) belongs to a class of words different from "Fallen" (l. 4).
 - C) refers to England, who fell together with her sons.
 - D) means "dead".
 - E) means the opposite of "marches upon" (l. 26).

49. Regardless of questions of poetic form, the line "They mingle not with their laughing comrades again" (l. 17) could be replaced by:
- A) they will not fight with their laughing comrades.
 - B) they don't mingle with their laughing families.
 - C) they do not share moments with their happy mates.
 - D) they do not fight with their laughing comrades.
 - E) the fallen will not fight with their happy comrades.

50. In the line "But where our desires are and our hopes profound" (l. 21):
- A) "where" is an interrogative pronoun.
 - B) "profound" is a verb.
 - C) "desires" and "hopes" are verbs.
 - D) the verbal form "are" was deliberately suppressed after "hopes".
 - E) "our" is a possessive pronoun.

TEXT II

PEACE TALKS IN MYANMAR JEOPARDIZED BY KILLING OF REBELS

BANGKOK — Ethnic minority groups in Myanmar said on Thursday that peace talks with the government, one of the cornerstones of the country's reform program, were in jeopardy after at least 23 rebel cadets were killed in an attack by the military.

The shelling on Wednesday, which struck an officers' training facility near the Chinese border that is run by the rebel group, the Kachin Independence Army, was the most severe flare-up of violence since rebels and government troops battled around the rebel capital, Laiza, two years ago.

The shelling, which rebel officers said killed men from a number of different ethnic groups, cast doubt on the government's ability to bring about a nationwide cease-fire, a plan that has been repeatedly postponed in recent months after skirmishes.

“This has caused a tremendous obstacle in building trust,” the United Nationalities Federal Council, a coalition of ethnic groups, said in a statement on Thursday. The group said the military had “deliberately planned and fired” artillery at the Kachin facility and questioned the “genuine desire” of the military for peace.

Photos of the rebels’ corpses were widely circulated on the Internet.

“We are outraged,” said Mong Gwang, a captain with the Kachin Independence Army, which controls large swaths of territory along the border with China. “This means further conflict is coming.”

The escalation of violence came just days after President Obama visited Myanmar and warned of backsliding in the country’s transformation from dictatorship to democracy.

Myanmar has been locked in an intermittent civil war from its earliest days of independence from Britain in 1948, and a cease-fire is considered a crucial part of President Thein Sein’s stated desire to deliver it from its abject poverty and dictatorial past.

U Hla Maung Shwe, a director of the Myanmar Peace Center, which is coordinating talks between the government and ethnic groups, sought to play down the shelling, calling it a response to a rebel attack.

“The Tatmadaw shelled back,” he said, using the formal name for the army. “I think this is just an accident.”

The Kachin, who inhabit the resource-rich highlands in the foothills of the Himalayas, are among 16 ethnic groups negotiating with the government for a cease-fire.

Negotiations have stumbled over the fundamental question of whether Myanmar will remain a united and highly centralized country controlled by the Burman ethnic group, or whether power will be devolved to minority groups.

U Saw Than Myint, a representative of the Shan ethnic group, said talks faltered in September when the military pulled back from an offer to create a federal army.

Mr. Saw Than Myint said he believed that Wednesday’s attack was an effort to put pressure on the Kachin to agree to a cease-fire.

“This is unacceptable, and it could backfire for the overall peace efforts,” he said.

Myanmar’s military, which has a powerful and largely unchecked role in the nominally civilian government, has become increasingly assertive in recent months. Military officers in Parliament recently proposed that the National Defense and Security Council, a powerful and somewhat secretive body in which the military is heavily represented, be granted more power.

(Thomas Fuller. The New York Times. Nov. 20th 2014.)

51. In Text II, it is possible to understand that:
- A) the borders of China are controlled by a rebel group.
 - B) China and Myanmar share a border.
 - C) rebels and the government forces battled in the capital of Myanmar.
 - D) the escalation of violence resulted from President Obama’s visit.
 - E) the army of Myanmar is severely controlled by the central government.
52. Passive voice **CANNOT** be found in the following paragraph:
- A) “Negotiations have stumbled over the fundamental question of whether Myanmar will remain a united and highly centralized country controlled by the Burman ethnic group, or whether power will be devolved to minority groups.”
 - B) “Photos of the rebels’ corpses were widely circulated on the Internet.”
 - C) “We are outraged,” said Mong Gwang, a captain with the Kachin Independence Army, which controls large swaths of territory along the border with China. “This means further conflict is coming.”
 - D) “Myanmar has been locked in an intermittent civil war from its earliest days of independence from Britain in 1948, and a cease-fire is considered a crucial part of President Thein Sein’s stated desire to deliver it from its abject poverty and dictatorial past.”
 - E) “The shelling on Wednesday, which struck an officers’ training facility near the Chinese border that is run by the rebel group, the Kachin Independence Army, was the most severe flare-up of violence since rebels and government troops battled around the rebel capital, Laiza, two years ago.”
53. “[...] the military pulled back from an offer to create a federal army” (l. 57-58) means that:
- A) the military insisted in the idea of creating a federal army in order to have even more power.
 - B) the military asked for more time to think about the idea of creating a federal army.
 - C) the military did not accept the idea of creating a federal army, thus resisting the idea of sharing power.
 - D) the military accepted the idea of creating a federal army, thus resisting the possibility of giving power to minority ethnic groups.
 - E) the military kept away from the debate over the creation of a federal army.
54. By derivation, the adverb “highly” (l. 52) is formed from the adjective “high”. The following sequence contains only adverbs formed by the same derivational process:
- A) ally; powerfully; greatly; kindly; tenderly.
 - B) greatly; commonly; fastly; wonderfully; interestingly.
 - C) internationally; powerfully; unfortunately; mainly; fairly.
 - D) lovely; hardly; friendly; internationally; mainly.
 - E) friendly; manly; lovely; fastly; quickly.

55. “‘We are outraged,’ said Mong Gwang, a captain with the Kachin Independence Army, which controls large swaths of territory along the border with China” (l.26-28). In indirect speech, the sentence could read as follows:
- Mong Gwang, a captain with the Kachin Independence Army, which controls large swaths of territory along the border with China, said that they are outraged.
 - The Kachin Independence Army, which controls large swaths of territory along the border with China, said that captain Mong Gwang was outraged.
 - “We are outraged”. That was what Mong Gwang, a captain with the Kachin Independence Army, which controls large swaths of territory along the border with China, said.
 - “We are outraged”. That was said by Mong Gwang, a captain with the Kachin Independence Army, which controls large swaths of territory along the border with China.
 - Mong Gwang, a captain with the Kachin Independence Army, which controls large swaths of territory along the border with China, said they were outraged.
56. In “[...] or whether power will be devolved to minority groups” (l. 53-54) “to devolve” means:
- to give back.
 - to lend.
 - to share.
 - to honor.
 - to pass.

TEXT III

HOW ARE WE DOING HIGHER EDUCATION INTERNATIONALISATION?

Internationalisation has become a mantra in higher education. The knowledge economy is a global network, we are told, and universities across the world are encouraged to ‘plug in’ in various ways in order to reap the benefits of global interconnectedness, as well as to avoid the perils of parochialism.

Rankings are the new currency of quality, English the official language of science – there is a discourse of convergence that promotes the inevitability of a singular vision for university structure, function and aims.

In this sense, a unitary metric for quality would seek to impose one context upon another. The idea of a ‘world-class university’ is one way in which developmental contexts are ignored in order to export a particular model of university function.

The existence of these kinds of tensions around internationalisation opens the question: when we talk about measuring the value of internationalisation, whose internationalisation are we talking about?

From the rapid growth in internationalisation initiatives over the past two decades, we have seen a recent turn to questioning the ‘value’ of internationalisation projects. Universities are strapped for cash and have to make decisions about which international projects they want to invest in, and which projects provide the most value for institutions’ own aims and ambitions.

Internationalisation takes many forms, including co-taught courses and degrees, massive open online courses (MOOCs), collaborative research projects and student exchanges. Maintaining international partnerships can be costly, and many are, for various reasons, not particularly productive.

In the current context, many universities are reaching a ‘saturation point’ with their international partnerships and have now begun the process of strategic culling and reinvestment. The very idea of which international projects are valuable, and why, is up for grabs.

From a practical point of view, we can ask: where and by what means are international projects being valued? In this sense, attention is drawn towards those spaces where international projects are formed and promoted, and here we can examine their basis and logic.

These ‘spaces of internationalisation’ are everywhere and diffuse – from websites and organisations such as University World News and The Chronicle of Higher Education, to international development institutions such as the OECD, World Bank, national governments and even regional organisations such as UNESCAP (UN Economic and Social Commission for Asia and the Pacific) or APAIE (Asia Pacific Association for International Education).

There are also international consortia that universities themselves control, such as Universitas 21, the Association of Pacific Rim Universities and the World Universities Network. These kinds of spaces are ‘listening posts’ as well as broadcasting centres through which ideas about internationalisation (and its aims and value) are promoted and normalised.

What is the knowledge economy, and how should universities respond to it? What is a world-class university, is it desirable for every country, and how can a country acquire one? Should universities cooperate to advance alternate concepts and metrics of productivity and ‘innovation’ in order to change the playing field for all, or should they cooperate with select partners in order to secure competitive advantage against others in a global market?

Whether or not such questions are engaged by university heads or administrators, the answers will always emerge in practice through the way things are done. Whether a vice-chancellor rhetorically promotes holistic concepts of academic work is less materially significant than what the staff and faculty act out in the ways that they assess and articulate the value of their international projects.

Should universities be critics and consciences of society, should they critically evaluate the ‘ethic of global citizenship’, and how can these rationales be evidenced and articulated in these spaces?

Perhaps different kinds of metrics may be needed, or perhaps a different way of thinking altogether. Whatever possibilities might be explored, they will ultimately need to be storied and embedded into investment narratives that flow through these emerging international spaces.

For those concerned about internationalisation being conducted through exploitative and narrow competitive rationalities, and who wonder how we

might instead mobilise an ethically grounded and pluralistic vision for internationalisation: let's look to the spaces where the 'value' of internationalisation is currently being made, and then make it differently.

(Marc Tadaki. University World News. Edited. June 1st, 2013. Issue 274)

57. The word "metrics", which appears in "Perhaps different kinds of metrics may be needed" (l. 81-82), in spite of ending in -s, takes a singular verb. Choose the sentence whose word in bold face is correctly followed by a plural verb.

- A) **Economics** are difficult.
- B) **Gymnastics** are very a complex sport.
- C) **Phonetics** are an important part of grammar.
- D) The kid's **scissors** are blunt.
- E) The **news** are sad, but true.

58. Punctuation has been changed in paragraphs 2 to 6. The only case that **DID NOT** cause any relevant change in meaning nor problem of cohesion is:

- A) In this sense, a unitary metric for quality would seek to impose one context upon another. The idea of a 'world-class university' is one way in, which developmental contexts, are ignored in order to export a particular model of university function.
- B) The existence, of these kinds of tensions, around internationalization, opens the question. When we talk about measuring the value of internationalization whose internationalisation are we talking about?
- C) Rankings are the new currency of quality. English, the official language of science. There is a discourse of convergence that promotes the inevitability of a singular vision for university structure, function and aims.
- D) From the rapid growth in internationalisation initiatives, over the past two decades we have seen a recent turn to questioning the 'value' of internationalisation projects. Universities are strapped for cash, and have to make decisions about which international projects they want to invest in, and which projects provide the most value, for institutions' own aims and ambitions.
- E) Internationalisation takes many forms, including co-taught courses and degrees, massive open online courses (MOOCs), collaborative research, projects and student exchanges, maintaining international. Partnerships can be costly, and many are, for various reasons, not particularly productive.

59. In "Should universities be **critics** and **consciences** of society, should they **critically** evaluate the **ethic** of global citizenship', and how can these **rationales** be evidenced and articulated in these spaces?" (paragraph 13), the words in bold face are, respectively:

- A) adjective; adjective; adverb; adjective; adjective.
- B) noun; noun; adjective; noun; adjective.
- C) noun; noun; adverb; adjective; adjective.
- D) noun; noun; adverb; noun; noun.
- E) adjective; noun; adverb; adjective; noun.

60. The author of the text:

- A) states that all international projects are valuable and that people in the universities are fighting for them.
- B) understands that internationalization is a process that encompasses budgetary aspects the universities take into consideration before investing in international projects.
- C) concludes that the "spaces of internationalization" are controlled by a range of academic organizations all over the world.
- D) affirms that consortia such as Universitas 21 are used by the universities as mechanisms to control themselves.
- E) advocates the promotion of holistic concepts, which can do more for the internationalization of the Institutions than actions by the administrative, technical and academic staff.



UFRJ
